



Projeto Saúde na Lata: um estudo sobre os hábitos de produção e consumo de plantas medicinais

Project Health in the plot: a study on the habits of production and consumption of medicinal plants

JESUS, Esther Paula Moraes de ¹; FERREIRA, Luana Graciela ²; MEIRELES, Sayuri ³; SISTE, Carlos Eduardo ⁴

¹ Faculdade Arnaldo Janssen; esther.paulamj@gmail.com; ² Faculdade Arnaldo Janssen; moonvjm2003@gmail.com; ³ Secretaria Municipal de Saúde de Santa Luzia – MG; sayuryfarm@hotmail.com; ⁴ Faculdade Arnaldo Janssen; cadusiste@terra.com.br;

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Agriculturas Urbanas

Resumo: O projeto de extensão Saúde na Lata é uma iniciativa interdisciplinar envolvendo os cursos de medicina veterinária, agronomia, gastronomia, psicologia, direito e gestão pública da Faculdade Arnaldo voltada para a promoção da saúde coletiva no âmbito da comunidade do bairro Pilar, em Belo Horizonte - MG. Para tanto, estão sendo desenvolvidas atividades produtivas em agricultura urbana de base agroecológica em plantas medicinais para uso humano e animal, hortaliças tradicionais e não convencionais, cursos e palestras, presenciais e virtuais, sobre segurança alimentar e nutricional, fitoterapia humana e animal, educação em saúde ambiental e bem-estar social. O presente artigo traz os resultados do estudo sobre a percepção, conhecimento, cultivo e práticas de uso da fitoterapia pela população envolvida no projeto. Observou-se que cerca de 70% dos participantes têm o hábito de cultivar plantas medicinais em casa, consumindo-as predominantemente na forma de chás.

Palavras-Chave: fitoterapia; saúde pública; agricultura urbana.

Introdução

No contexto brasileiro, esforços vêm sendo empreendidos para viabilizar ações e políticas públicas afirmativas de promoção da fitoterapia na rede pública de saúde, notadamente via serviços de atenção primária do Sistema Único de Saúde (SUS). Para tanto, Cechinel Filho e Zancheti (2020) analisaram o panorama atual da fitoterapia na saúde pública por meio da implementação da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterapia e Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. De acordo com estes autores, a despeito das dificuldades encontradas na implementação destas políticas, despontam em várias regiões do país resultados positivos no tratamento de agravos à saúde empregando medicamentos fitoterápicos.

Da farmacognosia são produzidos novos fármacos e fitofármacos seguros para uso pela população e constantemente disponibilizados na forma de produtos farmacêuticos manipulados e devidamente registrados junto aos órgãos regulatórios (MONTEIRO; BRANDELLI, 2017; CECHINEL FILHO; ZANCHETT, 2020). Apenas para se ter uma ideia, levantamento feito por Devienne et al. (2020) constatou a existência de 240 medicamentos elaborados a partir de 85 espécies vegetais registrados na Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA) e comercializados no



Brasil. Entretanto, ressalta-se que muitas dessas espécies são tradicionalmente cultivadas em quintais domésticos e hortas e usadas pelas populações como recursos medicamentosos, fruto do conhecimento popular passado de geração em geração e validado pela pesquisa farmacológica (MATOS, 2002; APRILE; SIQUEIRA, 2012).

O envolvimento com práticas de cultivo agrícolas vem recebendo atenção como modalidade de terapia ocupacional com grupos sociais em situações fragilizadas por problemas psicossociais, sobretudo em centros urbanizados. Mourão e Brito (2013) sistematizaram mais de uma dezena de experiências denominadas de horticultura urbana, social e terapêutica desenvolvidas por instituições de Portugal junto a grupos de idosos, dependentes químicos, portadores de deficiências e encarcerados. Estes autores destacaram os benefícios alcançados e proporcionados por esta modalidade terapêutica tais como bem-estar físico, mental, social, ambiental, comunitário, espiritual/existencial, satisfação com a vida, sentimentos de gratuidade e pertencimento, auto expressão e motivação para interação social. Madeira et al. (2013) reforçam ainda que o trabalho rotineiro na condução de pequenas hortas, além de fortalecer laços sociais comunitários e ser fonte regular de atividade física e mental, promove redes colaborativas de produção local de alimentos de origem conhecida, a custos de produção menores e mais acessíveis à população.

Por esta razão, compreende-se a importância de, face às dificuldades enfrentadas por grupos sociais socioeconomicamente vulneráveis, promover ações concretas que oportunizem alternativas acessíveis para a população da fitoterapia e melhorias no acesso a alimentos saudáveis em nível doméstico e comunitário. Neste sentido, a Faculdade Arnaldo vem desenvolvendo, desde 2022, em colaboração com Centro de Saúde dos bairros Pilar-Olhos D'água, em Belo Horizonte-MG, o Projeto de extensão Saúde na Lata: agricultura urbana e terapêutica como instrumento de promoção da saúde humana, animal e ambiental.

O presente artigo apresenta a sistematização dos resultados de uma pesquisa de escuta realizada junto aos moradores das comunidades Pilar/Olhos D'água. Esta teve o propósito caracterizar a percepção da população sobre o conhecimento e práticas de cultivo e utilização de plantas medicinais como modalidade terapêutica complementar no tratamento de agravos à saúde.

Metodologia

A pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2022 envolvendo uma amostra de 119 pessoas entre moradores dos bairros e comunidade acadêmica da faculdade – estudantes e funcionários da Faculdade/Colégio Arnaldo. Um questionário contendo vinte duas questões foi utilizado para fazer a escuta da população. Para a realização da pesquisa foi utilizado o método de entrevista em frente à escola local com o auxílio de um formulário impresso, que também foi disponibilizado nas localidades da Faculdade em três campus da faculdade (Pilar/Olhos D'Água,



Anchieta e Funcionários) e disponibilizado em formato digital através da plataforma Google Forms.

Foram respondidos um total de 80 questionários pela comunidade acadêmica, 23 por meio da pesquisa realizada online e 16 pessoas foram entrevistadas em frente à Escola do Bairro Pilar, sendo contabilizados um total de 119 questionários.

É válido ressaltar que nem todos os voluntários responderam todas as perguntas e que em algumas perguntas foram marcadas mais de uma resposta (como permitido na respectiva pergunta). Portanto, alguns resultados apresentados a seguir não refletem, necessariamente, a quantidade de questionários avaliados.

Resultados e Discussão

Analisando os perfis dos envolvidos na pesquisa, a maioria dos entrevistados são estudantes da Faculdade/Colégio Arnaldo e/ou moradores do Bairro Pilar/Olhos d'Água, representando 52% e 35% das respostas adquiridas, respectivamente. A maioria dos voluntários possui entre 21 e 30 anos, com 36,9% das respostas, a segunda predominância é de pessoas entre 18 a 20 anos, representando 18,4%, mas também houve um grande número de resposta vindas de pessoas com mais de 50 anos, faixa etária popularmente conhecida por seus conhecimentos em plantas e afins, que também predominam em 18,4% das respostas. A maioria dos entrevistados mora com outras três pessoas e 69,07% criam alguma espécie de animal doméstico, sendo que, a média prevalente, pertence a outras espécies que não cachorro e gato.

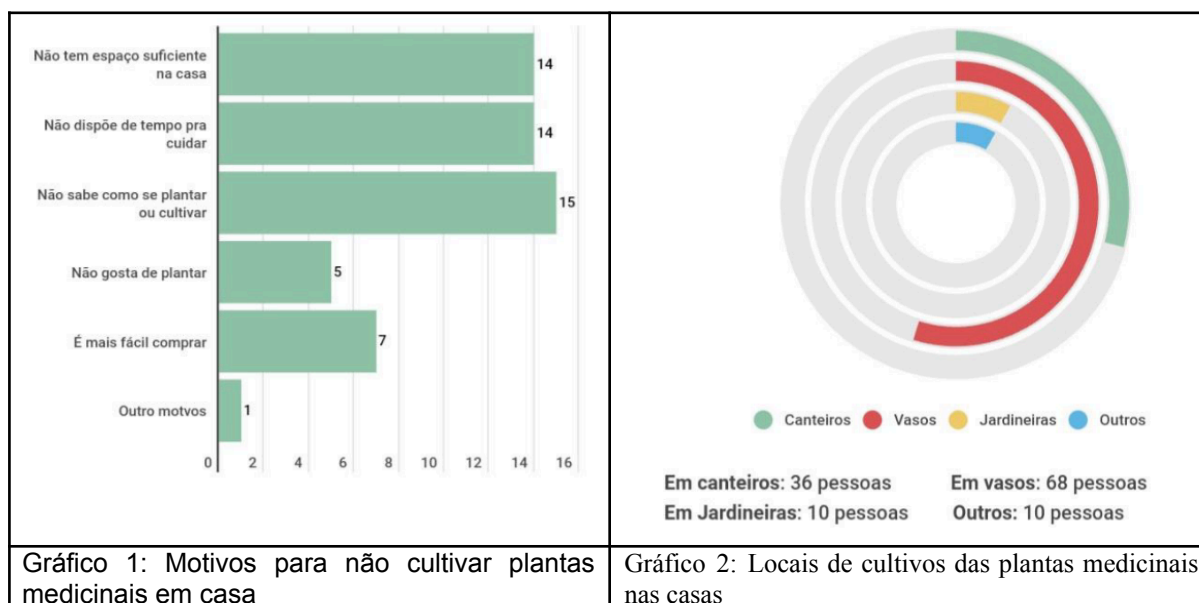
Sobre conhecimentos gerais sobre práticas de cultivos de plantas, aproximadamente 70% dos entrevistados já ouviu falar sobre agricultura urbana e cultiva plantas em casa. O restante que não costuma cultivar em casa, justifica-se pela falta de espaço, tempo e por não saberem como plantar ou cultivar, conforme o Gráfico 1. Os que responderam positivamente ao cultivo de plantas, em sua maioria cultivam em vasos e canteiros, entre as respostas alternativas estava "horta", ilustrado no Gráfico 2. Mais de 70% dos voluntários têm o hábito de usar plantas medicinais e a grande maioria faz uso dessas plantas por chás.

Quanto aos que não fazem uso de plantas medicinais, a maioria justifica que não sabe como fazer uso dessas plantas ou tem medo de fazer mal. A grande maioria, aprendeu a fazer uso das plantas medicinais com parentes. Mais de 70% dos entrevistados já prepararam chás com mais de um tipo de planta e apenas 9 tiveram reações negativas utilizando plantas medicinais. Cerca de 70% já fizeram uso de plantas medicinais enquanto utilizavam remédio de farmácia.

Mais de 80% dos voluntários nunca participaram de um projeto de horta comunitária, mas 75% têm interesse em participar de um projeto do tipo. A grande maioria dos interessados deseja receber mudinhas das plantas medicinais, frequentar cursos práticos na faculdade ou em seu bairro e também doar frascos vazios para a produção de mudinhas. Quanto ao horário para participarem do



projeto, os mais votados foram sábado, de manhã e à tarde, e quarta à tarde. Em relação às plantas apresentadas na pesquisa: as plantas mais cultivadas são: babosa, boldo, arruda, capim-limão, coentro, chuchu, cebolinha, guaco, couve, hortelã, pimenta e tomate, com mais de 50% das respostas. Já as plantas mais desejadas para plantio são bálsamo, azedinha, berinjela, arnica, camomila, marcela, orégano, manjeriço, repolho, pimentão e tomate.



Conclusões

O emprego da fitoterapia, como modalidade complementar de cuidados com agravos à saúde, consta das políticas do Sistema Único de Saúde – SUS e, portanto, deve ser estimulado junto aos usuários dos serviços de saúde pública acessados pela população. O presente estudo apontou alguns pontos-chave para potencializar o interesse da população e promover a fitoterapia por meio do melhor aproveitamento dos espaços domiciliares possibilitando o cultivo de pequenas hortas medicinais associado à promoção de informações e práticas seguras para sua utilização. Este poderá ser um esforço inicial para a organização comunitária reivindicar a instalação nas dependências do centro de saúde local de políticas públicas específicas como o projeto Farmácias Vivas.

Agradecimentos

Esta pesquisa só foi possível graças ao envolvimento e engajamento dos funcionários do Centro de Saúde dos bairros Pilar/Olhos D'Água, na pessoa da educadora física Mariana, da Secretaria Municipal de Saúde de Santa Luzia, na pessoa da farmacêutica Sayuri e do apoio técnico financeiro da Faculdade Arnaldo. Agradecimento especial aos moradores das comunidades participantes e estudantes de medicina veterinária dedicados à sistematização dos dados aqui apresentados.



Referências bibliográficas

APRILE, Fábio Marques; SIQUEIRA, Gilmar W. **Etnoconhecimento e cultivo de plantas medicinais**. 1^a. ed. Curitiba, PR: 2012. 474p.: il.

CECHINEL FILHO, Valdir; ZANCHETT, Camile Cecconi Cechinel **Fitoterapia avançada: uma abordagem química, biológica e nutricional**. Porto Alegre: Artmed, 2020. 208p.:il.

DEVIENCE, Karina Ferrazzoli et al. **Guia de medicamentos e produtos tradicionais fitoterápicos**. 1^a. ed. Curitiba: Appris Editora, 2020. 523p.: il.

MADEIRA, Nuno Rodrigo et al. **Manual de produção de hortaliças tradicionais**. 1^a. ed. Brasília, DF: Embrapa, 2013. 156p.: il.

MATOS, Francisco José de Abreu. **Farmácias vivas: sistemas de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades**. 4^a. ed. Fortaleza, CE: Editora UFC, 2002. 267p.: il.

MONTEIRO, Siomara da Cruz; BRANDELLI, Clara Lia Costa (org.) **Farmacobotânica: aspectos teóricos e aplicação**. Porto Alegre: Artmed, 2017. 165p.: il.

MOURÃO, Isabel de Maria; BRITO, Luís Miguel. **Horticultura social e terapêutica: hortas urbanas e atividades com plantas no modo de produção biológico**. Porto: Publindústria Edições Técnicas, 2013. 308p.: il.